




OS BEBÊS NO MUSEU DE ARTE DO RIO: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ESTÉTICAS

Babies at the Rio Art Museum: possible aesthetics approaches


Valeria **MARTINS**
Colégio de Aplicação
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil


Valeriacunha1996@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8383-0525> 

Cristina **CARVALHO**
Departamento de Educação
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

cristinacarvalho@puc-rio.br
<https://orcid.org/0000-0001-5261-0474> 

Gabriela **CAMPOLINA**
Departamento de Educação
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

gabicampolinazeredo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5594-3634> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

O presente texto é um recorte da pesquisa institucional do Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GEPEMCI), que tem investigado a inserção de crianças de zero a seis anos em museus e centros culturais na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo principal é fomentar reflexões sobre a presença de bebês e suas famílias em museus. O Museu de Arte do Rio (MAR), localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, promove a ação educativa *Bebês no MAR* para bebês da faixa etária de zero a dois anos. A partir da aproximação de bebês com direito ao acesso ao patrimônio cultural, são tecidas reflexões sobre possíveis aproximações dos pequenos na Instituição cultural, a arte como experiência estética para os bebês e são apresentadas propostas realizadas no MAR para os pequenos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês. Museu. Educação. Estética.

ABSTRACT

This article presents itself as an excerpt from the institutional research of the Group on Education, Museum, Culture and Childhood (GEPEMCI), aimed at investigating the relationship between children from zero to six years old with museums and cultural centers in the city of Rio de Janeiro. The main objective is to encourage reflections on the presence of babies and their families in museums and cultural spaces. The Rio de Janeiro Art Museum (MAR), located in downtown Rio de Janeiro, promotes the educational action "Babies at MAR", for babies aged between zero and two years old. From the understanding of babies having the right to access cultural heritage, reflections are made on the access of the little ones to the cultural institution, art as an aesthetic experience for babies, and different proposals from this art museum directed at little ones are presented.

KEYWORDS: Babies. Museum. Education. Aesthetics.

INTRODUÇÃO

Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho
Mas eu vim de lá, pequenininho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
Alguém me avisou
Pra pisar neste chão devagarinho
(Dona Ivone Lara)

A canção clássica do samba carioca "*Alguém me avisou*", composta e interpretada por Dona Ivone Lara, cantora brasileira conhecida como Rainha e Grande Dama do Samba, pode remeter a lugares e interpretações bem distintas a cada um de nós. No contexto do presente trabalho, o samba aparece como música cantada na ação para bebês realizada no Museu de Arte do Rio (MAR). Ao pensar em museus e centros culturais, você, leitor, já presenciou os bebês nesses espaços? Afinal, o museu é lugar de criança pequena? O museu é lugar de bebês?

Historicamente, museus e centros culturais se apresentam à sociedade como lugar de silêncio e contemplação, que pouco acolhem os bebês e o samba, considerados de antemão barulhentos demais para esse espaço. Desse modo, pensar a aproximação entre bebês, museu e samba pode parecer uma realidade distante. Apesar da resistência e do desafio em incluir bebês em museus, o Museu de Arte do Rio (MAR), instituição localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, vem desenvolvendo ao longo dos últimos anos, com regularidade, programação específica para esse público.

O presente texto tem como objetivo fomentar reflexões sobre a presença de bebês e suas famílias em museus a partir da ação educativa *Bebês no MAR* promovida pelo Museu de Arte do Rio. Este trabalho é um recorte da pesquisa institucional do Grupo de Pesquisa em Museu, Cultura e Infância (GPEMCI) voltado para a presença das crianças de zero a seis anos em museus e centros culturais na cidade do Rio de Janeiro.

Para o desenvolvimento do estudo aqui apresentado, foi realizado um longo percurso que teve seu início a partir do questionário online elaborado pelo GPEMCI, enviado em 2015 a museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro, e que teve como um dos objetivos o mapeamento de atividades para crianças em instituições culturais. Na análise dos dados foi possível constatar que o MAR oferecia atividades para crianças pequenas. Fizemos então a opção por acompanhar e analisar duas sessões de atendimento aos bebês, ocorridas em junho de 2018. Além disso, foram

analisados os registros de ações para bebês no acervo da Instituição por meio de vídeos localizados no *Youtube* institucional do Museu.

O artigo se inicia com algumas interlocuções teóricas sobre a presença de bebês e crianças pequenas no museu. Em seguida, são tecidas considerações sobre experiência estética e o papel da educação e da arte nesse processo, e a experiência da ação educativa *Bebês no MAR* é apresentada. Por fim, são apontadas considerações finais sobre a presença de bebês no museu.

INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS: BEBÊS NO MUSEU

Museus são espaços que restauram memórias, histórias, vidas e permanências de um povo que já foi criança, que já teve infância. Museus são uma autêntica síntese da existência humana, trazendo para a atualidade a memória material e imaterial de um território que convive, respeita e restaura a relação entre ancestralidade, tradição e modernidade. São, por concepção, um trabalho em evolução contínua, no qual a criança propõe experiência dinâmica e interativa. **(Alemberg Quindins).**

Barbosa (2010) apresenta reflexões sobre a concepção de bebês que perpassou e perpassa a sociedade e, ao se questionar "*afinal, quem são os bebês?*", afirma que por muito tempo os bebês foram vistos especialmente pela imaturidade e fragilidade. No entanto, a autora ressalta que nos últimos anos pesquisas vêm apontando as capacidades dos bebês:

Temos um conhecimento cada vez maior acerca da complexidade de sua herança genética, de seus reflexos, de suas competências sensoriais e, para além de suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Eles são dotados de um corpo no qual afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados, e é a forma particular como esses elementos se articulam que vai definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê tem um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar. (BARBOSA, 2010, p. 2).

Os bebês, como pessoas recém chegadas ao mundo, buscam compreender e significar as coisas ao seu redor: se comunicam com expressões faciais e o corpo; se movimentam e pegam objetos, interagindo com as coisas ao seu redor; exploram o ambiente com movimentos corporais. Ou seja, os bebês apreendem o mundo por meio do corpo.

O direito ao espaço da creche para os bebês chega inicialmente com a concepção assistencialista. O tempo e espaço na creche era garantido para os bebês para serem cuidados e alimentados enquanto as mães se inseriam no mercado de trabalho. A concepção assistencialista retrata os bebês e crianças pequenas a partir da perspectiva

do cuidado biológico, uma vez que os recém chegados ao mundo são dependentes dos adultos e não conseguem se cuidar sozinhos. Por outro lado, quando se propõe atividades em museus e centros culturais para crianças pequenas, existe por trás (ou deveria existir) a concepção dos bebês como sujeitos de história e de direitos, pois, em espaços culturais, os bebês não são compreendidos a priori apenas por cuidados como na origem das creches, por exemplo. Garantir o espaço e tempo em instituições culturais é garantir o direito à brincadeira, à convivência e à interação. Desse modo, a tarefa de acolher os novos integrantes da sociedade passa também pelas instituições culturais.

Barbosa (2010), ao se referir ao espaço da creche, fala da mudança de paradigma na educação dos bebês nas creches. Para a autora, quando se muda a concepção de bebê, muda também a concepção de educação oferecida aos pequenos sujeitos.

Se afirma o compromisso com a oferta de um serviço educacional que promova, para todas as crianças, a possibilidade de viver uma experiência de infância com prometida com a aprendizagem gerada pela ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. Nesse espaço, os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, desse modo, a cultura. (BARBOSA, 2010, p. 3).

Em relação aos museus e centros culturais, acolher os bebês e as crianças pequenas é um desafio que vem sendo apontado por pesquisas recentes (CARVALHO, 2011; SANTOS, 2017; LOPES, 2019). Os estudos apontam que, de modo geral, quanto menor as crianças, maior o desafio para a instituição acolher como público novo, a ponto de ele ser muitas vezes considerado como indesejável. Os museus são patrimônio da humanidade e as crianças, como cidadãos, possuem o direito de acessá-lo. Ressalta-se ainda que as crianças são indivíduos do presente, o que significa dizer que a sua ida ao museu não deve ser voltada para uma aprendizagem futura. Defender o acesso dos pequenos sujeitos aos espaços culturais é garantir o acesso a criações da humanidade, no âmbito da arte, da ciência e da história; é garantir o acesso à cultura. Nesse sentido Carvalho (2011) defende que “as crianças pequenas (e todos!) merecem, sim, um atendimento e um reconhecimento de que são capazes de frequentar esses espaços, de que têm esse direito – como sujeitos e cidadãos –, de que têm especificidades que precisam ser atendidas” (CARVALHO, 2011, p. 311).

Há na literatura acadêmica alguns estudos recentes que vêm abordando a temática do atendimento de crianças pequenas a instituições culturais. Carvalho e Santos (2019) com o objetivo de analisar a inclusão de bebês nos programas de educação em museus de arte e centros culturais, analisaram a ação desenvolvida pelo

Instituto Tomie Ohtake, na cidade de São Paulo. A proposição denominada *No Colo* se insere no projeto de acessibilidade da Instituição. Para as autoras, a inclusão de bebês e outros públicos nos museus e centros culturais podem proporcionar novas possibilidades para o espaço expositivo e museal.

Carvalho e Lopes (2016) abordam a organização do tempo, do espaço e do objeto para o acolhimento de crianças pequenas nos museus. Em diálogo com as reflexões apontadas pelas autoras, e recortando para as especificidades dos bebês em relação às crianças um pouco maiores, é realizada uma adaptação dos conceitos de tempo, espaço e objeto de modo a contemplar as demandas dos bebês em relação às crianças um pouco maiores.

- **O tempo** - o tempo no museu é um tempo curto e isso deve ser considerado na montagem das exposições. O tempo da criança é um tempo diferente do adulto, é o tempo da curiosidade e experimentação. As propostas educativas precisam garantir tempo para se encantar, imaginar, experimentar, brincar e significar o mundo diante das peças e do espaço que o museu oferece (CARVALHO, LOPES; 2016). Os bebês, ao interagirem com outros bebês ou com objetos, ficam intrigados e envolvidos, e podem permanecer assim por bastante tempo.
- **O espaço** - a presença de crianças no espaço museológico vem carregada da ideia do perigo das crianças com a conservação das peças e do barulho que pode ser provocado. "Reprimir essas manifestações é também reprimir a infância nos museus." (CARVALHO, LOPES; 2016, p. 7). Em relação aos bebês há uma outra especificidade. Além do barulho e da experimentação com o corpo, os bebês trocam fraldas e mamam, atitudes que quando acolhidas juntamente das mães nos espaços museais, podem acontecer no próprio espaço expositivo.
- **O objeto** - elemento a ser considerado na presença das crianças pequenas (CARVALHO, LOPES; 2016). Os bebês, ao experimentarem o mundo com o corpo, têm a fase de experimentar os objetos levando até à boca. Os espaços museais precisam se reinventar para preservar o acervo e disponibilizar materiais que possam ser tocados e explorados em brincadeiras.

INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Há na sociedade a concepção de corpo, mente e ambiente como separados um do outro. Nesse sentido, existe também a ideia de aprendizagem e interação com o mundo como um processo que acontece somente dentro da mente. Em contraposição a esta ideia, a dimensão estética da experiência apresenta a construção de significado com as coisas do mundo, a partir do contato com os objetos, espaços e ambientes da cultura, que passa pelo corpo, que é inseparável da mente e do ambiente.

Historicamente, estética é um conceito que passou por algumas transformações. De modo geral, é possível identificar dois significados: i) Relacionado à arte e ao belo, que está mais difundida no senso comum; ii) Estética como uma forma de se relacionar com as coisas do mundo, a partir dos sentidos - tato, visão, audição, paladar e olfato - para perceber e se relacionar com o mundo. Para Carvalho e Santos (2019, p. 4) “a estética apresenta-se, dessa forma, como uma dimensão que extrapola o campo da arte estando presente nos diversos âmbitos da vida”.

Ao compreender a dimensão estética como o modo de pensar e estar no mundo pelo corpo inteiro, para as autoras o bebê não é alheio à tal dimensão, se conecta com a comunidade “por meio de gestos, sonoridades, ritmos, combinações de cheiros, toques, gostos e cores, constituindo a dimensão estética da experiência cultural humana” (CARVALHO; SANTOS, 2019, p. 7). Os bebês, ao se concentrarem em alguma atividade como levar o pé até a boca ou manusear algum objeto, está dando significado para coisas do mundo pelo corpo. Ressalta-se que a criança não nasce com essa capacidade, não é inata, é por meio das possibilidades que lhe são oferecidas e da mediação dos adultos que aprendem a experimentar o mundo. Os bebês e crianças muito pequenas experimentam e significam o mundo principalmente através do corpo, já que a comunicação oral está sendo desenvolvida.

A experiência estética não se mensura, não se mede, se vivencia e experimenta. Nesse processo, cabe aos adultos (mediadores, cuidadores e educadores) proporcionarem experiências outras aos pequenos, em busca de apresentar o mundo e ampliar o repertório de experiência. Ressalta-se ainda que as crianças, mesmo recém chegadas, interferem e modificam a dinâmica do ambiente, sendo assim ativas e não passivas diante do mundo.

A arte tem um papel importante no trabalho pedagógico que contempla o corpo. A música, a dança, a escultura, a comida, a brincadeira e as múltiplas linguagens artísticas são fundamentais. Destaca-se que a educação voltada para as artes não quer dizer que todos virem artistas, mas que, sensíveis para as coisas do mundo, desenvolvam suas habilidades e possibilidades de ação no mundo e que conheçam o

mundo através do corpo. Nesse sentido, as instituições culturais são espaços potentes. Carvalho e Santos (2019) chamam atenção que “as ações educativas que pretendem abarcar a dimensão estética têm, ainda, o desafio de criar situações nas quais a experiência aconteça e que não se dê apenas como uma vivência de entretenimento ou consumo” (CARVALHO; SANTOS, 2019, p. 11). O próximo tópico apresenta reflexões sobre a arte, o museu e o samba como ampliação do contato com o mundo por meio da experiência estética para os bebês e as famílias.

QUANDO OS BEBÊS VÃO AO MUSEU DE ARTE DO RIO

Localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, o Museu de Arte do Rio (MAR) foi inaugurado em 2013 e é administrado por uma parceria de órgãos públicos e privados. O MAR tem se destacado pelas iniciativas educativas, especialmente pela presença da Escola do Olhar. A proposta da Escola do Olhar é de uma escola que tem um museu e um museu que tem uma escola. O espaço busca aproximar educação e arte, e desenvolve diferentes ações de experimentação artística e pedagógica¹.

No questionário enviado pelo GEPEMCI em 2015², o MAR foi uma das poucas instituições a afirmar que recebia crianças de zero a três anos com frequência alta. Após verificação no site e na rede social da instituição, foi possível confirmar que o museu realizava atividades gratuitas para o público de crianças muito pequenas.

Bebês no MAR é uma atividade que acontecia uma vez por mês aos finais de semana no Museu de Arte do Rio. Caracterizada pela presença não somente dos bebês com suas mães e seus pais, mas também de outros membros da família, eram atividades que se articulavam às exposições do espaço. Além de terem sido observadas duas atividades presencialmente no mês de junho de 2018, também foram analisados seis vídeos de divulgação presentes no canal do *Youtube* da instituição que somam um total de 15 minutos.

O primeiro vídeo divulga alguns acontecimentos da primeira edição do *Bebês no Mar* em março de 2018, e a atividade está relacionada à exposição de temática indígena “*Dja Guatá Porã: Rio de Janeiro Indígena*”. A proposta contou com elementos sensoriais e musicais que procuravam atender às especificidades de crianças de 0 a 2 anos. O

¹ Para saber mais sobre a Escola do Olhar: <https://museudeartedorio.org.br/o-mar/escola-do-olhar/>. Acesso em: 20/10/2021.

² O GEPEMCI, ao longo dos últimos anos, vem trabalhando com a aplicação de questionários aos museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro, em busca de conhecer e mapear estratégias educativas que contemplem as crianças.

vídeo é bem curto, não ultrapassando 2 minutos, e apresenta brevemente um momento de música no espaço expositivo e depois de interação dos bebês com um grande tapete e alguns materiais como bolinhas e espaguete de piscina. O vídeo também mostra a interação direta dos bebês com pequenas esculturas de animais que faziam parte da exposição.

O segundo vídeo apresenta uma atividade relacionada à coleção de fotografias "*Feito poeira ao Vento*" que foi exibida de agosto de 2017 a agosto de 2018. Os bebês e familiares caminham pelo espaço expositivo ao som de músicas tocadas pelos educadores do MAR. Considerando o elemento *tempo* destacado por Carvalho e Lopes (2016), foi possível observar que a proposta educacional não garante o tempo necessário para os bebês apreciarem a arte, porque passam de modo muito rápido pelas fotografias. O segundo momento foi caracterizado pela reunião dos bebês num tapete e interação deles com elementos relacionados à fotografia e outros aspectos visuais, como grandes espelhos de diversos tamanhos. Um aspecto que o vídeo apresenta é o de depoimentos de familiares dos bebês, que consideram a atividade "a realização de um sonho". Uma avó, formada em museologia, narra com emoção: "O museu era um lugar sagrado, quase uma catedral. A gente não podia rir, brincar, era muito difícil imaginar bebês num espaço museal. É tão lindo ver famílias, avós e pais curtindo dentro desse espaço." (Museu de Arte do Rio, 2018). A fala da avó remete à concepção de museu que vem se modificando ao longo dos anos, em busca de acolher um público outro.

Figura 1: Divulgação da Atividade Bebês no MAR



Fonte: Redes sociais do MAR³

³ As imagens que foram retiradas das redes sociais do Museu de Arte do Rio possuem divulgação da imagem das crianças autorizada.

O terceiro vídeo analisado apresenta as atividades que foram observadas em junho de 2018, que ocorreram no meio da exposição "O Rio do Samba: Resistência e Reinvenção". A atividade foi voltada para a musicalidade e a sensorialidade, dialogando com a temática da mostra principal que era o samba. Consistiu, portanto, numa roda de samba para os bebês e seus familiares, onde os pequenos puderam experimentar pequenos instrumentos musicais dispostos num grande tapete colorido. Os bebês riam, balançavam seus braços conforme as músicas e exploravam os instrumentos. O vídeo também conta com relato de familiares sobre a importância de experiências em espaços museais como o que ocorria. A atividade *Férias no MAR*, que aconteceu em setembro de 2018 e está presente no quarto vídeo analisado, teve a mesma proposta da *Roda de Samba para os bebês*.

Figura 2: Roda de Samba para os bebês



Fonte: Redes sociais do MAR

Destacam-se alguns pontos que foram observados presencialmente na proposta da roda de samba para bebês. A presença de bebês em museus modifica a dinâmica do espaço, com mães trocando fraldas no espaço expositivo da instituição, com carrinhos de bebês no museu e com crianças pequenas correndo e rindo pelo espaço museal. Além disso, salienta-se também a musicalidade que estava presente na exposição "O Rio do Samba: Resistência e Reinvenção" e que foi contemplada na ação para os bebês, com canções clássicas do samba como "Alguém me avisou"⁴ e canções do universo infantil como "O sapo não lava o pé"⁵ cantada em ritmo de samba para as crianças e

⁴ Trecho do samba "Alguém me avisou": "Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho; Mas eu vim de lá pequenininho; Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho; Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho".

⁵ Trecho da canção do universo infantil: "O sapo não lava o pé, não lava porque não quer, ele mora lá na lagoa, não lava o pé porque não quer, mas que chulé!".

seus familiares que dançavam no ritmo de samba. O caminho escolhido pelos educadores foi utilizar recursos como bambolês, pequenos pratos e talheres e o uso de instrumentos musicais como pandeiros e violão. O ato de sentar em roda faz referência à roda de samba, mas também é utilizado pela instituição em outras atividades.

Figura 3: Exposição "O Rio do Samba: Resistência e Reinvenção"



Fonte: Autoras (2018)

Figura 4: Exposição "O Rio do Samba: Resistência e Reinvenção"



Fonte: Autoras (2018)

O quinto vídeo apresenta atividades realizadas na biblioteca do MAR em agosto de 2018. Portanto, não apresenta interação dos bebês com o espaço expositivo do museu. A atividade consistiu em música e interação dos bebês com objetos confeccionados pelos educadores e brinquedos como bolinhas de plástico. A descrição do vídeo indica que o ambiente sensorial foi criado para que os pequenos experimentem o espaço da biblioteca. No entanto, não foi observada uma relação direta com elementos da biblioteca, como livros ilustrados, por exemplo.

O sexto e último vídeo, intitulado "Laboratório de Criação: Bebês no MAR" aconteceu numa das salas de aula da Escola do Olhar, logo, também não está relacionado diretamente com a exposição presente na Instituição. Ressalta-se o cuidado com propostas no museu neste formato que "isola" as crianças do espaço expositivo. Além da música, os bebês interagem com objetos de pano num grande tapete colorido, há fitas amarradas em linhas penduradas no teto que chamam a atenção dos pequenos e num determinado momento o vídeo mostra bebês interagindo com pequenas piscinas de borracha cheias de água.

O percurso de todas as atividades é similar: os bebês, seus familiares e os educadores do MAR descem uma rampa que conecta os dois prédios em direção ao espaço expositivo, embalados pelo som de música e instrumentos musicais. Quando chegam no espaço de destinação, os bebês sentam-se em roda num grande tapete colorido e exploram objetos que se relacionam à temática do mês.

Algumas atividades ocorreram fora do espaço expositivo, o que se contrapõe a um dos principais pontos observados em junho de 2018: a interação dos bebês e suas famílias com o público que não fazia parte das atividades. O barulho dos instrumentos, das vozes cantando samba e também toda a movimentação relacionada a bebês no espaço do museu chamou a atenção de quem não sabia o que estava acontecendo. O público, que já estava no museu, olhava com curiosidade e tirava fotos, sorrindo e apontando para o grupo. Isso é uma interação potente num espaço museal que, de modo geral, é considerado o lugar da contemplação e do silêncio.

Outra questão é a colaboração fundamental das famílias no processo de acolhimento de bebês em museus. Os profissionais de museu, ao planejar ações para os pequenos, devem contemplar também a presença da família. Ações educativas para os bebês no museu não são apenas para os bebês, são também para as mães, pais, avós e cuidadores de modo geral. Studart (2005), a partir de um estudo realizado na Grã-Bretanha, traz considerações sobre a experiência museal para crianças e famílias. Apesar do trabalho da autora estar associado a um contexto cultural distinto do contexto

brasileiro, a autora faz apontamentos sobre museus, criança e família que são temáticas pouco exploradas na literatura acadêmica. A autora teve como objetivo discutir a percepção e comportamento do público – crianças e famílias – em três diferentes museus. A faixa etária das crianças permeou as idades entre 7 a 11 anos. Os resultados apontaram que os ambientes culturais “podem oferecer um espaço singular e constituir-se em um importante produto cultural e educativo para o público infantil e famílias.” (STUDART, 2005, p. 74).

A presença dos bebês no museu, com os corpos em movimento, desestabiliza a estrutura das instituições culturais que, apesar de todas as transformações que passaram ao longo dos anos, ainda carregam marcas anacrônicas que tentam silenciar as vozes de crianças e de públicos não tradicionais. Tentar reprimir o barulho e as expressões que são naturais de bebês e crianças pequenas ao colocá-los em salas separadas ou pedir que se silenciem é abrir mão da identidade das crianças e da modificação positiva que os pequenos sujeitos podem realizar nos espaços expositivos dos museus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acolhimento de bebês em museus e instituições culturais atravessa - ou deveria atravessar - uma concepção de bebê como sujeito que está inserido na cultura, que além de ser atravessado pela cultura também a produz, e pode experimentar o tempo e espaço nas instituições culturais. De modo distinto do que ocorreu no surgimento das creches, os museus não assumem como princípio básico o cuidado das crianças no sentido de alimentar e trocar fralda, embora, obviamente, este é um aspecto a ser considerado quando falamos em bebês. Conforme já sinalizado, historicamente as instituições escolares passam a receber os bebês com uma visão assistencialista, o que a priori não é identificado nas instituições culturais que recebem os bebês. É possível perceber que a intenção das atividades para os bebês apresentadas nesta pesquisa vai muito além da visão assistencialista justamente por serem voltadas também para as famílias e aos finais de semana, e o foco está na interação com o espaço, com as obras expostas e entre si.

Acolher bebês e crianças muito pequenas em museus é diferente do acolhimento de outros públicos. É preciso sensibilidade para inserir os pequenos sujeitos que acabam de chegar ao mundo. Nessa perspectiva, o tempo é um fundamental nesse acolhimento: tempo para experimentar sem a pressa do mundo adultocêntrico.

A ação educativa denominada *Bebês no MAR*, promovida pelo Museu de Arte do Rio (MAR), considera a importância da musicalidade, dos objetos, da interação com os pares e da presença das famílias nas atividades. As interações por meio de trocas de olhares entre bebês-bebês, bebês-famílias, bebês-educadores, bebês-objetos, além de outros movimentos corporais como o balanço dos braços, os sorrisos, o olhar atento para o espaço, são possíveis aproximações da experiência estética que o museu pode oferecer para os pequenos sujeitos. Nesse sentido, conforme ressaltam Carvalho e Santos (2019), é importante buscar novas maneiras de se comunicar nesses espaços, de modo a propiciar acesso à arte e à cultura e ampliação da experiência com o mundo.

Acolher os bebês em instituições culturais configura-se como um desafio para os educadores museais, o que leva a reflexões sobre a formação dos profissionais que atuam diretamente com o público no museu. É preciso estar atento quanto a concepção de crianças e as reflexões sobre infância dos profissionais de museu. A partir da proposta *Bebês no MAR*, destaca-se ainda o papel fundamental de um grupo de profissionais de museu com formação adequada, e com olhar sensível para as especificidades dos bebês, das crianças e para as questões da infância. Do mesmo modo, a própria instituição cultural tem um papel na formação destes profissionais, oferecendo cursos, alternativas, ações, e possibilidades para o acolhimento do público. Importante ressaltar que não é apenas o acolhimento de bebês e crianças pequenas que defendemos, mas também de outros públicos majoritariamente não contemplados nas ações educativas de museus, como pessoas com deficiência, idosos e estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Outro ponto a estar atento se refere ao acesso às instituições culturais da cidade do Rio de Janeiro. O MAR e outras instituições culturais da cidade estão localizadas em zonas privilegiadas da cidade. O Rio de Janeiro é uma cidade grande e desigual, com um número elevado de museus cuja distribuição em termos de localização reflete a desigualdade da cidade: zonas de maior acesso possuem também maior concentração de instituições culturais (Zona Sul e Centro) e zonas onde a maioria da população carioca reside (Zona Norte e Zona Oeste) possuem um número reduzido de instituições culturais. Ou seja, é preciso considerar este aspecto para pensar políticas culturais de acesso a toda população.

Além do acesso, a divulgação das atividades para crianças apresenta-se como outra questão que apareceu no período investigado. Os vídeos disponibilizados no *Youtube* do MAR configuram-se como uma ação de divulgação, mas percebeu-se que a divulgação das ações educativas promovidas pelos museus cariocas contempla, de

modo geral, apenas os sites – que são muitas vezes desatualizados – e redes sociais das instituições e, ainda assim, de maneira escassa.

A presença de bebês e crianças pequenas nos museus ainda é tímida, mas, “chegando devagarinho”, os bebês modificam a concepção de museu em busca do acolhimento de um novo público, assim como podem contribuir para se repensar a própria concepção de museu. De modo geral, a atividade *Bebês no MAR* se mostrou uma possibilidade real dos bebês ocuparem os museus com suas famílias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês**. IN: Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010, p. 1-17. Anais. Belo Horizonte: 2010.

CARVALHO, Cristina. Criança menorzinha... ninguém merece! – políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, S.; ROCHA, E. C. (orgs.). **Educação infantil: enfoques em diálogo**. 2. Ed. São Paulo: Papirus, 2013. p. 295-312.

CARVALHO, Cristina. SANTOS, Maria Emilia Tagliari. Bebês, Museus e Mediação: da dimensão estética às relações. **Educação & Realidade**. v. 44, n. 4, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/RGw6ksrN7jVQTmgdvpdydd5b/?lang=pt> Acesso em: 23 de agosto de 2021.

CARVALHO, Cristina ; LOPES, Gabriela Campolina de Azeredo Coutinho; MARTINS, Valeria. Bebês no MAR: Samba de roda para os pequenos no museu. In: V **Seminário Luso-Brasileiro de Educação Infantil / II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação**, São Paulo, 2019. v. 1º ed. p. 1-9.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; PENA, Alexandra. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. 1-18, 2020.

LOPES, Thamiris. **Outras formas de conhecer o mundo: educação infantil em museus de arte, ciência e história**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2019.

GUERREIRO, Luiz Guilherme. **Bebês no MAR: Dja Guatá Porã | Rio de Janeiro Indígena**. Youtube, 5 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a8DdSxgbE2o&>> Acesso em outubro de 2021.

GUERREIRO, Luiz Guilherme. **Bebês no MAR: Feito poeira ao vento | Fotografia na coleção MAR**. Youtube, 3 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1-f1weEx47A&>> Acesso em outubro de 2021.

GUERREIRO, Luiz Guilherme. **Bebês no MAR:** O Rio do Samba | resistência e reinvenção. Youtube, 30 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tpj6Wx7VV3s&>> Acesso em outubro de 2021.

GUERREIRO, Luiz Guilherme. **Bebês no MAR:** Férias no MAR. Youtube, 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P_V05femXcY&> Acesso em outubro de 2021.

GUERREIRO, Luiz Guilherme. **Bebês no MAR:** Agosto de 2018. Youtube, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VA3kxoAIV8s&>> Acesso em outubro de 2021.

GUERREIRO, Luiz Guilherme. **Laboratório de Criação | Bebês no MAR.** Youtube, 15 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2W6ireI-OJo&>> Acesso em outubro de 2021.

SANTOS, Maria Emília Tagliari. **Bebês no Museu de Arte:** Processos, Relações e Descobertas. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2017.

SALUTTO, Nazareth; NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. **Onde estão os bebês?** Reflexões para sua construção conceitual a partir de um debater interdisciplinar. *Áltera*, João Pessoa, v.1, n.8, p. 14-37, jan./jun. 2019.

STUDART, Denise. Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 55-77, 2005.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

OS BEBÊS NO MUSEU DE ARTE DO RIO: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ESTÉTICAS

Babies at the Rio Art Museum: possible aesthetics approaches

Valeria Martins

Mestra em Educação

Colégio de Aplicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Valeriacunha1996@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8383-0525>

Cristina Carvalho

Doutora em Educação

Professora do Departamento de Educação

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

cristinacarvalho@puc-rio.br

<https://orcid.org/0000-0001-5261-0474>

Gabriela Campolina

Mestranda em Educação

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22541-041, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: V. Martins, C. Carvalho, G. Campolina

Coleta de dados: V. Martins, C. Carvalho, G. Campolina

Análise de dados: V. Martins, C. Carvalho, G. Campolina

Discussão dos resultados: V. Martins, C. Carvalho, G. Campolina

Revisão e aprovação: V. Martins, C. Carvalho, G. Campolina

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Bolsas de IC e AT – CNPq. Processo 403610/2016-8.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 31-10-2021 – Aprovado em: 14-08-2022